

“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas¹

Ceres Karam Brum*

Resumo

Apresentam-se, neste texto, algumas reflexões sobre o gauchismo no Rio Grande do Sul, analisando os significados que o ser tradicionalista adquire nas falas de alguns jovens que participam do Movimento Tradicionalista Gaúcho em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Desejam-se destacar algumas dimensões pedagógicas e educacionais no universo tradicionalista, abordando o “prendado” e os estereótipos de feminilidade contidos no vestido de prenda. Estas percepções afloraram de um conjunto de trabalhos de campo, baseados na observação participante, em diferentes espaços educacionais, em que se tenta efetuar uma descrição densa das “teias de significados” (GEERTZ, 1989, p. 17) do ser tradicionalista na atualidade.

Palavras-chave: Antropologia da Educação. Identities. Prenda.

“Wearing a prenda” dress: about the meanings on tradicionalista pedagogy of the pilchas

Abstract

This article presents some reflections about the gauchismo in Rio Grande do Sul and analyses the meanings of being a traditionalist inside speeches of some young peoples that participate of the Gaucho Traditionalist Movement in Santa Maria, RS. The text aims to focus some pedagogical and educational dimensions in this traditional universe, working about the prendado and female stereotypes into the prenda dress. This perception was elaborated on the field works based on the participant observations in several educational spaces. In this sense the text aims to do a dense description of “web meanings” (GEERTZ: 1989, 17) about to be a traditionalist man/woman, nowadays.

Keywords: Anthropology of Education. Identities. Prenda.

* Antropóloga. Professora do Mestrado em Ciências Sociais e do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Introdução

[...] Porque lá na turma quem participa mesmo do CTG ativamente é só eu. Então eu tenho um monte de colegas que chegam e perguntam como é que é um concurso de prenda. Daí, quando a gente chega e fala tudo que precisa fazer pra ti ter uma faixa que não é simplesmente, aí tu chegar lá, ser bonitinha, simpática, desfilar e já ganhou a faixa. Tu tem que batalha, tu tem que estuda tem que faze projeto, as pessoas ficam bem impressionadas até por que não têm conhecimento como é o todo trabalho do quê que é que tu recebe, tu conquistar uma faixa. (Diário de Campo. JUVENART. Santa Maria, agosto de 2008).

.....
Prenda, s. Jóia, relíquia, presente de valor. Em sentido figurado, moça gaúcha.

Prendado, s. Reinado. (É um neologismo criado para designar o tempo em que a Primeira Prenda exerce o seu reinado). In: Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul. (NUNES, 1998, p. 395)

A perspectiva de pesquisar os significados de ser prenda tradicionalista no Rio Grande do Sul remete à produção e à popularização da figura do gaúcho nas regiões do Cone Sul Americano e a vivência/encarnação destas tradições. O aparecimento do termo prenda faz parte de um conjunto de produções simbólicas criadas pelo gauchismo e, mais especificamente, pelo tradicionalismo como movimento cultural no Rio Grande do Sul, para designar a mulher gaúcha e seus atributos.

A prenda tradicionalista apresenta um percurso peculiar na trajetória do gauchismo, que focaliza preponderantemente a dimensão da masculinidade e, que literalmente, “concebeu a prenda” como par idealizado para acompanhá-lo nas danças e outros espaços “possíveis” de serem partilhados com as mulheres.

Ser prenda é significado como indissociável do vestido de prenda, do estar pilchada. Nesse sentido, é possível refletir sobre as dimensões pedagógicas e os significados de portar roupas específicas e sua dimensão de *agency* em um universo cultural específico. O vestido é a principal peça da indumentária feminina gaúcha, identificando as prendas como tal. Configura-se em passaporte para que as moças “encarnem” corretamente a gaúcha tradicionalista, via produção de representações individuais e coletivas, afirmando identidades através do culto das tradições gaúchas.

Gauchismo e tradicionalismo

O gauchismo inclui uma diversidade de pessoas e grupos que se identificam de variadas formas com a exaltação do que se referem como usos e costumes regionais. A utilização do termo engloba uma gama de manifestações e sujeitos que efetuam a apropriação da figura do gaúcho na produção de suas representações. Segundo Maciel (2001, p. 245), a diferença do gauchismo das demais expressões do regionalismo está no culto através da encarnação e representação de autenticidade do verdadeiro gaúcho.

Nesse universo, prepondera a atuação do movimento tradicionalista gaúcho, ou apenas tradicionalismo, entendido como um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetiva celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante, tal como os participantes e pesquisadores do movimento o percebem e o definem. O responsável pelas atividades tradicionalistas no Rio Grande do Sul é o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG).²

O tradicionalismo gaúcho se expande por vários Estados do Brasil, sendo lá cultuado por gaúchos, descendentes e simpatizantes. Segundo os tradicionalistas, o culto às tradições gaúchas ocorre em Nova Iorque, em Lisboa e no Japão como consequência da “diáspora” dos gaúchos rio-grandenses pelo Brasil e pelo mundo.

O surgimento do gauchismo, no espaço platino, inscreve-se na história das relações entre o nacional e o regional, manifestando-se nas representações da região produzidas por intelectuais, que a comemoram no quadro da busca de uma redefinição da história e dos costumes exaltados. Essa exaltação ocorre a partir da produção de narrativas sobre o gaúcho, cujas primeiras referências aparecem na literatura regionalista³ no século XIX. Além das representações literárias que remetem à figura do gaúcho, nesse momento, ocorre o surgimento de entidades (clubes) que se propõem a cultuar suas tradições.

Desde os primórdios do tradicionalismo, no Rio Grande do Sul se percebe todo um projeto para o culto das tradições gaúchas. Cezimbra Jacques, folclorista e escritor (1883, p. 59) efetua a relação do passado com o presente através da ampliação de sentido que confere ao termo gaúcho, cujo fio condutor é a permanência do tipo humano campesino nas regiões do Prata e de alguns de seus hábitos tradicionais.

A partir do projeto de Jacques, se pode entender que a construção simbólica da figura do gaúcho e, posteriormente da prenda, espelha a adaptação do termo, relativa a um dos tipos humanos que habitavam a região, ocorrendo em razão do processo de busca de afirmação dos espaços platinos reconfigurados, em que o gaúcho é escolhido como herói fundador para simbolizar, como emblema, a saga da domesticação do território através da exaltação da bravura de sua dupla atuação como homem do campo e guerreiro.⁴

Trata-se de produzir um elemento identificador para ser vivido como mito. Para Lévi-Strauss (1996, p. 241), o mito tem por objeto a resolução das contradições. No caso da figura do gaúcho, a partir de sua utilização simbólica, na construção das nações e da região, percebo uma busca de sublimação das contradições constitutivas destes processos históricos, cuja consolidação ocorre com a criação do tradicionalismo como movimento cultural, de quem Cezimbra Jacques se torna patrono e herói fundador, sendo homenageado ao lado de outros heróis da história do Rio Grande do Sul.

Um dos marcos da criação do tradicionalismo como movimento é a fundação do 35 Centro de Tradições Gaúchas (CTG) em Porto Alegre no ano de 1948, por alguns jovens do interior do Estado que faziam seus estudos na capital. A criação deste movimento cultural mudou os rumos da exaltação da figura do gaúcho, dentro e fora do Estado. Conforme Paixão Cortes (1994, p. 38), o tradicionalismo foi uma espécie de reação à entrada da cultura norte-americana e seus produtos no Estado, como conseqüência da ascensão dos Estados Unidos da América no pós-guerra. No período inicial de 1947/48 há a criação de espaços e momentos específicos para o culto das tradições gaúchas e valorização do regional num cenário eminentemente urbano, através de demonstrações de civismo reverenciando os símbolos da "alma regional", baseados no conhecimento e nas referências que dispunham do passado. O folclorista e tradicionalista Barbosa Lessa (1985, p. 58) define a atuação do seu grupo, enfocando a encarnação da figura do gaúcho passado no presente, através de suas tradições. O desejo de exaltar o regional, recriando o gaúcho nas suas vestes, *habitat*, trabalho, alimentação, lazer assemelha-se às referências de Löfgren (2000) e Thiesse (1999) aos projetos de elaboração simbólica e material, visando à construção coletiva das identidades nacionais.⁴

Os tradicionalistas tiveram esta preocupação simbólica e material na construção "coletiva" das identidades regionais. Analisando as características do tradicionalismo como um movimento cultural, fica nítido o esforço de criação de símbolos que os identificam como sinais diacríticos e que possibilitam caracterizar o próprio tradicionalismo enquanto movimento.

Nesse sentido, os tradicionalistas de 1947/48, como Paixão Cortes e Barbosa Lessa e, anteriormente, o próprio Cezimbra Jacques preocuparam-se em justificar a necessidade de criação do tradicionalismo para mostrar e celebrar o Rio Grande como um lugar ímpar com relação ao restante do Brasil. O processo de criação desses elementos é perceptível na expressão de Barbosa Lessa ao comentar a finalidade do 35 CTG:

O centro terá por finalidade zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas canções, costumes... Os costumes, o linguajar, a maneira de encilhar um pingo e sair galopando, isso nós sabíamos. Mas quanto ao mais o assunto ia se tornando complexo. História é uma ciência social muito séria e não éramos

“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas

historiadores; e história não se inventa. Folclore é uma ciência social muito séria, e não éramos folcloristas; e Folclore não se inventa [...].

Mas éramos tradicionalistas. Gente mantendo ativamente aspectos do passado, com vistas ao futuro. Quando algum elemento faltasse para a nossa ação nós teríamos de suprir a lacuna de um jeito ou de outro. (LESSA, 1985, p. 64)

Essa “falta” de alguns elementos do universo tradicionalista também é exemplificada por Lessa no que se refere à linguagem e à indumentária, demonstrando a apropriação de termos antigos a seus novos objetivos, como ocorreu com a expressão pilcha:

Assim, por exemplo, qual o adjetivo que daríamos a nós mesmos quando estivéssemos vestidos à gaúcha? Alguém sugeriu “aperado”. Mas “aperado” é roupa de cavalo, o termo não ficava bem. Então na ata de 8 de maio de 1948 o secretário Antônio Cândido se lembrou que pilcha é dinheiro ou objeto de uso pessoal que possa ter um valor pecuniário. “Vamos oferecer ao patrão de honra Paixão um churrasco ao qual a indiada deve vir toda pilchada”. E esse invento colou! (LESSA, 1985, p. 64)

A apropriação do termo estabelece uma reinvenção do passado e de suas tradições como lógica para justificar a própria tradicionalidade dos termos utilizados, como sugere Maciel (2001, p. 258). Porém, o termo pilcha, para além de uma questão de adequação do vocábulo ao universo tradicionalista, em fase de elaboração, apresenta uma dimensão prática – o vestir-se a caráter, conforme ressalta Lessa:

E como é que é o vestido das moças? Como modelo aproximado, só havia os vestidos caipiras, das festas juninas de São Paulo, ou as “folinhas” anuais distribuídas pela Cia. Alpargatas na Argentina. Paixão encasquetou que deveriam ser vestidos compridos, até os tornozelos; eu argumentei que se nós rapazes estávamos trajando nossas costumeiras bombachas, não carecia que as moças se voltassem para tão longe nos antigamentes; isto não chegou a ser posto em votação, mas o bigodudo Paixão nos venceu pelo cansaço. (LESSA, 1985, p. 66)

É nesse contexto que surgem as denominações de peão e de prenda, além do próprio vestido de prenda – indumentária gaúcha feminina que deveria ser utilizada pelas moças tradicionalistas em apresentações artísticas e fandangos, os bailes organizados nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

Ceres Karam Brum

Como já mencionei, o termo prenda que “originalmente” significava um objeto de valor, uma preciosidade no universo do gauchismo, passa a designar a mulher tradicionalista. Para Maciel (2001, p. 257) o termo prenda que tem o sentido de dom, dádiva e presente (por ser precioso) é também o imperativo do verbo prender. Isso é muito significativo no universo representacional do gauchismo, pois esse tem como arquétipo um homem livre. A prenda significa, neste contexto, não apenas os laços familiares que o prendem, mas a contrapartida do ideal positivista do homem provedor, da mulher submissa e da filha modelo de virtudes.

Ao associar a mulher com preciosidade fica expressa a dimensão de cuidado e preocupação com as prendas. O vestido de prenda como um traje deve propiciar uma imagem condizente com os padrões de feminilidade do tradicionalismo. A roupa deve espelhar o recato feminino e produzir um modelo para ser vivido.

Pedagogia tradicionalista

Penso que a configuração adquirida pelas roupas entre os tradicionalistas traduz uma atitude educacional e pedagógica das pilchas que remete à perspectiva positivista e funcionalista da educação. Para Durkheim (1978, p. 57), a educação é pensada como um processo contínuo e a pedagogia como intermitente. A pedagogia remete teorias e práticas que servem como plano de atuação, como modelos a serem implementados. A educação é relativa à moral e propicia a integração do indivíduo ao grupo, tendo o compromisso de fazer com que os indivíduos partilhem das representações coletivas e as difundam: “O homem, que a educação deve realizar em cada um de nós, não é o homem que a natureza fez, mas o homem que a sociedade quer que ele seja, e ela o quer conforme o reclame a sua economia interna, o seu equilíbrio” (DURKHEIM, 1978, p. 81).

A escolha de Durkheim para pensar a pedagogia das pilchas remete às concepções de cultura, sociedade e tradição que permeiam o universo tradicionalista, conforme elucida Oliven (2006, p. 117-119). Nessa concepção a sociedade, em função do enfraquecimento da cultura local, encontra-se em estado de anomia. O papel dos tradicionalistas é o de apresentar uma solução para esta crise a partir do fortalecimento do próprio tradicionalismo como movimento cultural de caráter popular, que combate os fatores de desagregação da cultura local.

Tal fato requer dos tradicionalistas um esforço constante que caracterizo como sua dimensão educacional e de atuação pedagógica. Estas ações ocorrem dentro e fora de territórios reconhecidos como espaços tradicionalistas, visando tanto a formação dos jovens tradicionalistas como a ampliação de seu universo de culto. O CTG configura-se em um espaço de formação do sujeito, em que a educação corresponde a um processo contínuo composto de um

“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas

complexo conjunto de ensinamentos a serem apreendidos e condutas a serem inculcadas, a fim de produzir um modo de ser tradicionalista, um *ethos* ou mesmo uma cultura tradicionalista.

Os CTGs e outros territórios tradicionalistas e do gauchismo são espaços educacionais que objetivam a reprodução do tradicionalismo e sua perpetuação como movimento cultural. A educação, nesse caso, se inscreve no aprendizado de identidades coletivas e individuais. Ser peão/prenda⁶ adquire múltiplas significações para cada um dos participantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, sendo continuamente interpretado e dinamizado:

Luca – No meu 1º festival eu tinha um pouco menos de quatro meses e nunca mais saí de dentro do CTG, com certeza por influência da família, meus avós são fundadores do Sentinela da Querência e sempre tiveram dentro do CTG. Meu pai nasceu e cresceu dentro de entidade tradicionalista. Minha tia foi 1ª prenda do Estado. Então não tinha jeito eu ia “tá metido” dentro do tradicionalismo de uma forma ou de outra eu ia tá aqui. É válido o que eu posso dizer que é bom, é mágico.

Aline – Quando eu era criança não eu ia assim eu era aquela prenda da Semana Farroupilha. A minha mãe não se animava muito ela estava sempre muito presente daí quando eu nasci ela se afastou e aí só meus tios que participavam. Então eu nunca tive essa vivência quando bem pequenininha. A partir de 2000 eu fui participar mais ativamente de internadas. (Diário de Campo: Santa Maria, agosto de 2008)

As significações externadas pelos jovens tradicionalistas com o movimento são plurais e remetem às histórias de vida relatadas, em que a pilcha aparece com um passaporte necessário para a inserção neste universo:

Aline – Eu hoje casualmente não estou pilchada, mas para mim a pilcha já faz parte de mim, eu não consigo... pra mim fim de semana é o dia de pilcha é o dia de estar de pilcha eu não consigo mais viver sem a pilcha porque eu me sinto bem, me sinto às vezes melhor do que com a roupa convencional como a gente vai para aula vai trabalhar, me sinto muito melhor quando estou de pilcha porque a pilcha ela te dá um ar de elegância, te dá ares de classe, de delicadeza, dá aquele ar mais feminino mais delicado que as roupas que a gente costuma utilizar no dia a dia. (Diário de Campo: Santa Maria, agosto de 2008)

A relação entre as pilchas e a pedagogia se evidencia na medida em que a roupa se constitui em veículo para viver o verdadeiro gaúcho⁷, configurando-se, pedagogicamente, como um cenário individual para a *performance* tradi-

cionalista, que propicia um transporte ao passado (BRUM, 2006, p. 56). O projeto cultural do Movimento Tradicionalista Gaúcho remete ao culto das verdadeiras tradições gaúchas. Neste sentido, os folcloristas (também agentes do gauchismo), que pesquisam tais costumes se preocupam em assinalar sua autenticidade. Nos seus escritos mostram como realmente o gaúcho se vestiu, historicamente, para que se entenda (pedagogicamente) os trajes corretos para serem usados nos territórios tradicionalistas, na atualidade. Uma pedagogia tradicionalista do vestir para cultivar as tradições, conforme percebo nas afirmações da historiadora do vestuário Vera Zattera ao apresentar a obra *Traje típico gaúcho* e no texto de Antônio Augusto Fagundes:

Dentro do pensamento da cultura popular ou da arte popular tentamos resgatar, neste estudo, os trajes do gaúcho em diversos momentos da nossa história.[...] Sendo assim, a arte popular do trajar gaudério sofreu transformações que contam a sua própria história, sua herança, numa evolução que lhe dá, além de beleza, identidade.[...]. Esperamos que este estudo possa ter contribuído para o resgate da história do gaúcho em sua maneira de ser e em sua maneira de vestir. Entendemos também que este registro deva preservar a autenticidade da pilcha gaúcha, elemento da maior importância na nossa personalidade regional. (ZATTERA, 1989, p. 17-19)

A *grosso modo* são quatro os complexos da indumentária masculina no Rio Grande do Sul, se atentarmos para a peça que domina o conjunto: 1º) do chiripá primitivo; 2º) das bragas; 3º) do chiripá farroupilha e 4º) das bombachas. A cada um desses complexos corresponde, naturalmente – e também a *grosso modo* – uma indumentária feminina. (FAGUNDES, 1992, p. 10)

– O gaúcho tradicionalista. Características da Quarta época – 1950 até nossos dias. O peão

Usa bombachas de favos ou pregas, alpargatas ou botas fortes e chapéu ou boina, camisa listrada ou xadrez, jaqueta de brim ou lã, guaiaca e poncho. O lenço ao pescoço, a faixa e o colete aparecem vez por outra. Usa a faca e a chaira. Não raras vezes vê-se o peão calçando chinelos de dedos, galocha ou chinelo de couro. Suas esporas são de ferro.

A prenda

Usa vestido de Prenda com saia rodada e com babados, ambos de tecido de algodão, com estampado miúdo de “broderi” ou de tecido de cor lisa. O corpo justo é fechado no pescoço, levando enfeites de renda ou do mesmo tecido do vestido. As mangas $\frac{3}{4}$, bufantes ou não, vão até o cotovelo e babados dão o acabamento. Quando não leva babados no corpo, carrega um fichu

“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas

em renda crochê preso pelo broche. Meias brancas, bombachinhas e sapatos pretos. Xale de lã em renda crochê é o agasalho. Os cabelos presos ou soltos levam uma flor, e nas orelhas, os brincos balançantes. (ZATTERA, 1995, p. 149)



Fonte: Vera Zattera, 1989

Uma breve análise dos trajes demonstra uma descontinuidade entre as vestimentas femininas das três primeiras épocas e da quarta época, quando surge o vestido de prenda como indumentária tradicional feminina a ser usada pelas mulheres. Conforme Zattera (1995, p. 134), o vestido de prenda foi criado pelos tradicionalistas para facilitar as danças e porque eram muito tristes os trajes do final do século XIX e início do século XX. Fagundes (1992, p. 28) admite a invenção do traje: “E assim, consultando fotos antigas das próprias famílias e também inspirados no ‘traje de china’ das tradicionalistas uruguaias e até mesmo – forçoso é reconhecer – no vestido caipira que eles combatiam, criaram o hoje famoso ‘vestido de prenda’”.

Ceres Karam Brum

Nesse sentido, é flagrante reconhecer sua dimensão de invenção/falsificada – *fakelore* a par dos trajes que se inserem numa lógica da tradição/vivenciada – folclore, como no caso da bombacha e seus acessórios, ainda em pleno gozo de seu uso nas lides do campo e que também é acionada como vestimenta tradicional do gaúcho.

A questão que venho tentando investigar ultrapassa a questão da falsidade ou veracidade das representações. É relativa às apropriações efetuadas pelos grupos nas relações estabelecidas com o passado e suas delimitações simbólicas, ao recriá-lo no presente, o significando. O vestido de prenda, nesse sentido, é recebido e significado como tradicional e como artefato fundamental neste processo.

Ao observar o universo tradicionalista (desfiles, festas e especialmente concursos artísticos e concursos de atividades de campo) percebi que estes trajes estão envolvidos em jogos simbólicos muito complexos, a que concorrem o conceito de tradição e outros elementos da afirmação do gauchismo como poder, honra, recato, afirmação individual e coletiva. Essa complexidade corresponde à perspectiva de Ortner em que jogos sérios implicam o jogo de atores, vistos como agentes. “A palavra agência remete ao ator autônomo, individualista e ocidental” (ORTNER, 2007, p. 46).

A participação dos indivíduos no tradicionalismo pode ser pensada como um jogo sério, pois a atuação dos sujeitos tradicionalistas implica a aceitação e submissão a certas normas de comportamento e a seus regulamentos. A liberdade do ator social e sua agência ficam adstritas às restrições impostas pelo grupo – que “formula” e ao mesmo tempo se submete ao projeto cultural do tradicionalismo.

Prenda Minha⁸

A prenda tradicionalista e as prendas “de faixa” em sua atuação participam deste jogo sério. A faixa é significada como um artefato pessoalizado de grande valor simbólico:

Prenda – Ah... eu tenho acesso ao tradicionalismo desde pequena que eu participava dos desfiles do colégio da minha mãe. Mas entrar num CTG foi no final de 1999 que eu comecei na internada do Ponche Verde CTG. Aí eu dançava na mirim daí em 2001 participei da juvenil daí fiquei um tempo depois fui para o adulto, troquei de CTG.

Ceres – Para que CTG tu foste?

Prenda – Daí, atualmente tava no departamento tradicionalista Querência das Dores como prenda 1º concurso que eu concorri foi em 2002.

Ceres – Nas Dores já?

“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas

Prenda – Não no Ponche Verde que eu tive a faixa de 3ª prenda Juvenil, aí no ano seguinte concorri de novo fiquei no 2º Juvenil, daí no outro ano concorri de novo fiquei em 1º, concorri na região há... , aí depois fui 3ª prenda juvenil da 13ª região. Terminado esse prendado concorri de novo aí já nas Dores..., 1ª prenda no ano passado ganhei a faixa de 3ª prenda da 13ª região.

Ceres: Adulto?

Prenda: Adulto ah, foi uma seqüência assim, agora tô parada prá estudar.

A cada ano o Movimento Tradicionalista Gaúcho no Rio Grande do Sul (e também em outros Estados do Brasil em que se cultuam as tradições gaúchas) escolhe suas representantes. As prendas mirins, juvenis e adultas (três em cada categoria) são rigidamente selecionadas através de um concurso eliminatório de três etapas. As vencedoras na etapa do seu CTG concorrem na Região Tradicionalista e, estas, por sua vez, concorrem no Estado.⁹

Um dos objetivos do concurso de prendas, segundo a legislação tradicionalista¹⁰ que o rege é, entre outros: “escolher anualmente dentre as candidatas as que melhor representam as virtudes, a dignidade, a graça, a cultura, os dotes artísticos, a beleza, a desenvoltura e a expressão da mulher gaúcha” (MTG, 2001, p. 184) e também fomentar a participação dos jovens para formar futuras lideranças que, ao longo do ano (durante o prendado) representam o MTG como movimento cultural em suas festas, congressos, etc.

O concurso estadual de prendas do MTG ocorre usualmente em maio. As 90 candidatas selecionadas nas regiões tradicionalistas são submetidas a provas de conhecimentos gerais como história e folclore do Rio Grande do Sul, provas artísticas (como canto, dança, declamação de temática gauchesca), etc.

As nove vencedoras estaduais (bem como muitas outras prendas regionais e dos CTGs e também de escolas, clubes e Departamentos Tradicionalistas) recebem, ao vencerem estes concursos, uma faixa de couro gravada com dizeres. e que deve sempre ser usada sobre o vestido de prenda, para identificá-las e que as institui como representantes femininas do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Bourdieu (1998, p. 97), ao criticar a expressão rito de passagem, sugere a expressão rito de instituição por seu sentido ativo, de legitimação. A faixa, para a prenda que a porta, adquire um sentido de diferenciador individual, um sinal de distinção e de instituição, na medida em que o ter conquistado uma faixa implica ter sido bem-sucedida no rito de instituição, com o qual relaciono o concurso de prendas.

Ceres Karam Brum

A prenda instituída é portadora de um poder. É reconhecida, dentro e fora do universo tradicionalista, como concededora das tradições gaúchas e das formas corretas de cultuá-las. Ela possui *agency* em sentido similar ao mencionado por Ortner, ao analisar a atuação de personagens femininas nos contos de fada:

Em suma, podemos ver estes contos como formações culturais que constroem e distribuem agência de modos particulares como parte da política cultural que cria pessoas apropriadamente definidas em termos de gênero em um determinado tempo e lugar. Do ponto de vista do ator o projeto da história é o projeto de crescer, de fazer as coisas apropriadas para se tornarem homens e mulheres adultos. Dentro da política cultural da diferença e de desigualdade de gênero que informa os contos, porém, crescer significa que as duas partes desta relação – que no final das contas é desigual – não podem “ter” agência. Isso é expresso em uma linguagem de (complementaridade) atividade e passividade. O príncipe não pode ser herói se a princesa puder salvar-se a si mesma; até pior, o príncipe não pode ser herói se a princesa puder salvá-lo. (ORTNER, 2007, p. 61-62)

A *agency* expressa-se na atuação das prendas, ao estarem vestidas com sua indumentária instituidora. Nesse sentido, considero que a indumentária tradicionalista possui *agency*. Para Monique, que foi prenda mirim e juvenil do MTG do Paraná e 2ª prenda da CBTG, “ser prenda é não ter vergonha de ser tradicionalista, pronta para defender o teu pago¹¹ como a ti mesma, pronta para trabalhar e estudar, é isto”.

Sua linguagem e história de vida demonstram a ligação que possui com o tradicionalismo e sua inserção/entendimento do seu projeto cultural, de que se coloca como agente muito ativa. O fato de ter conquistado muitas faixas a credencia como uma prenda tradicionalista de destacada atuação. Mas para entender sua fala é preciso perceber os limites desta atuação como adstrita à cultura tradicionalista e aos modelos femininos delineados para serem seguidos para ser prenda:

Meu nome é Aline Bruzi fui prenda da região em 2006, 2007 1ª prenda da região e continuando o prendado na verdade depois que tu assume tu consegue chegar a aquele patamar mais alto que tu foi busca que ostenta um título de prenda. Seja 1ª, seja 2ª ou 3ª quando tu chega lá tu tem 1 ano aonde tu vai desenvolver e mostrar para quem seja ao teu redor tudo que tu buscou para chegar ali, tu tem um ano para o projeto, para expandir a cultura e para levar para o CTG, para levar para comunidade, para levar para as escolas, levar para que expor

“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas

realmente o que tu conheceu o que tu buscou para chegar até lá. Mostrar que tu realmente chegou lá à toa e não foi assim do nada chegou de brinde para ti, assim como nada na vida nada cai de presente pra gente é preciso que a gente batalhe para estar lá. (Diário de Campo: Santa Maria, agosto de 2008)

A esfera ativa de atuação individual da prenda liga-se mais aos desafios do concurso para se tornar instituída com a conquista da faixa, do que ao prendado em si. Neste período de um ano cabe à prenda participar das atividades tradicionalistas, sempre pilchada como expressão da beleza e modelo para ser imitado por todas as tradicionalistas, porque correspondeu (ao ganhar a faixa) ao padrão feminino exigido nos concursos. O fato de usar em todas as atividades tradicionalista o vestido é significativo. Não importa o clima ou a ocasião a que a prenda comparece. Demonstra o orgulho da roupa e a superação dos próprios limites climáticos e de locomoção.

Ao comparar a indumentária tradicionalista masculina com a feminina, percebo que a roupa masculina bombacha, botas, chapéu e lenço, que sugere as atividades do campo originariamente desempenhadas pelo gaúcho a cavalo na lide com o gado, sugere também uma postura ativa do gaúcho. A faca e/ou revólver que compõem o traje masculino também se inscrevem nesse sentido e sugerem a disposição para a guerra, “um gaúcho pronto para o que se apresentar”. A guaiaca, que é o cinto largo, com bolsos e muitas vezes enfeitado com moedas, mostra a questão do poder econômico, a figura do homem provedor, conotação de dominação masculina.

A indumentária masculina em sua dimensão ativa contrasta com a indumentária tradicional feminina em sua passividade. Relaciono a *agency* do vestido de prenda e seus complementos com a celebração deste modelo feminino. O vestido de prenda é usado sobre uma anágua e esta é sobreposta a(s) saias de armação confeccionada(s) em tecidos leves com o objetivo de armar o vestido. Por baixo das saias, a prenda usa uma bombachinha, meias brancas e calça botinas ou sapatilhas de salto baixo ou sem nenhum salto. As jóias devem ser discretas e o vestido sem decote com mangas até os cotovelos ou até os punhos.¹²

A roupa da prenda tradicionalista dificulta sua mobilidade e lembra (por ser rodada e com mangas bufantes) a indumentária das princesas européias e sua dignidade no saber se portar a partir da tradição que cultua, cujo recato e simplicidade se expressam também na maquiagem discreta e nas jóias pouco espalhafatosas.

As bombachinhas ou calçolas que foram usadas como roupa íntima feminina, na indumentária tradicionalista, objetivam evitar que durante as danças, em que as prendas efetuam certos giros e sarandeios¹³, apareçam seus trajes íntimos, mas apenas a bombachinha branca por sobre a meia.

Ceres Karam Brum

Para Maciel (2001, p. 259), a indumentária tradicionalista é caracterizada pelo excesso simbólico, no sentido de que as roupas perderam sua funcionalidade e, para se provar mais gaúcho, os tradicionalistas utilizam-se de uma série de adereços. Penso que este excesso simbólico merece ser compreendido como parte de uma pedagogia tradicionalista das pilchas que objetiva definir papéis nos territórios de culto do gaúcho.

O excesso simbólico relaciona-se a um desejo de distinção individual amplamente partilhado dentro do tradicionalismo, legitimado pelos concursos tradicionalistas e traduzido na sua forma de se pilchar. Este é o caso das prendas de faixa que afixam bótons e que permitem que assinem suas faixas (práticas que vêm sendo bastante reprimidas pelas lideranças tradicionalistas).

Os signos de distinção remetem às múltiplas identidades dos tradicionalistas em constante processo de reconfiguração, em contraste e dialética com o modelo tradicionalista prescrito nos papéis masculinos e femininos, numa referência às fronteiras que não podem ser ultrapassadas.

Considerações finais

Segundo Geertz (1989, p. 337), participar e assistir as brigas de galo, para os balineses, lhes propicia um processo de educação sentimental, em que ocorre o aprendizado da aparência do *ethos* de sua cultura e de sua sensibilidade privada. A educação sentimental é o que possibilita a participação do sujeito agente prenda/peão no projeto cultural tradicionalista do qual faz parte. É através das participações nas atividades tradicionalistas que se dá o aprendizado de como deve o tradicionalista se portar, se pilchar, se expressar. A cultura do grupo é vivida como um jogo sério em que internalizar o *ethos* é relativo à sua percepção de si como agente do tradicionalismo.

Esta sensibilidade individual e coletivamente partilhada para a vivência das tradições gaúchas se dá a partir do estar pilchado como passaporte para viver o gaúcho que cultua a tradição e a vive de forma essencialista. É neste contexto material e simbólico que se processa a identificação individual e coletiva, com o universo tradicionalista por parte de seus membros. Na busca do culto do verdadeiro gaúcho, estes estabelecem uma relação de pertencimento com as tradições, através da aceitação e disseminação dos critérios de definição e instituição das mesmas, partilhando uma comunidade de sentimentos¹⁴ entre si. No universo tradicionalista, a relação de pertencimento é individualmente concebida e vivida em relação a suas histórias de vida e a seus projetos de reconhecimento dentro e fora deste universo. Os sentidos de viver as tradições expressam-se na atuação dos sujeitos em sua *agency* nos concursos e no cotidiano tradicionalista.

A partir de um entendimento da Antropologia da Educação (WULF, 2005) que relaciona cultura e educação para além da questão da escolarização,

busquei apresentar, ao longo deste texto, algumas significações do ser tradicionalista em termos de sua educação sentimental. Esta produz modelos e paixões a serem internalizados que podem ser descritos enquanto *ethos* e interpretados como cultura de um grupo – o tradicionalismo como movimento cultural.

Referências

- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. RJ/Lisboa: Bertrand Brasil/DIFEL, 1989.
- _____. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1998.
- BRUM, C. K. **Esta terra tem dono**: representações do passado missionário no Rio Grande do Sul. Santa Maria: editora da UFSM, 2006.
- CHAVES, F. L. **História e literatura**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.
- _____. **Matéria e invenção**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1994.
- DURKHEIN, É. **Educação e sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, [1978].
- FAGUNDES, A. A. **Indumentária gaúcha**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- JACQUES, J. C. **Ensaio sobre os costumes do Rio Grande do Sul**. [1883]. Porto Alegre: ERUS, 1979.
- LESSA, L. C. B. **Nativismo**: um fenômeno social gaúcho. Porto Alegre: LPM, 1985.
- LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. 5. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. Coleção biblioteca tempo universitário v. 7.
- LÖFGREN, O. The nationalization of culture in Ethnologia Europea. **Journal of European Ethnology**. vol.14, n. 7, p. 5-24, 1989.
- MACIEL, M. E. Memória, tradição e tradicionalismo no Rio Grande do Sul. In: BRESCIANI, S.; NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001. p. 239-267.
- MTG – Movimento Tradicionalista Gaúcho. **Coletânea da legislação tradicionalista**. 2. ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: MTG, 2001. Disponível em: <www.mtg.org.br>. Acesso em: 28 set. 2008.
- NUNES, Z.; CARDOSO, R. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1998.
- OLIVEN, R. **A parte e o todo**. Petrópolis: Vozes, 1992 e 2006, 2 edição.

Ceres Karam Brum

ORTNER, S. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, M et al. (Org.). **Conferências e diálogos**. Saberes e práticas antropológicas. Brasília ABA: Nova Letra, 2007. p. 45-80.

PAIXÃO CORTES, J. C. **Origem da semana farroupilha e primórdios do movimento tradicionalista**. Porto Alegre: EVANGRAF, 1994.

SARMIENTO, D. F. **Facundo**. [1845]. Buenos Aires: Booket, 2007.

THIESSE, A. M. **A criação das identidades nacionais**. Temas e debates actividades editoriais: Lisboa, 2000.

WEBER, M. A nação. In: **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971. p. 201-210.

WULF, C. **Antropologia da educação**. São Paulo: Alínea, 2005.

ZATTERA, V. S. **Traje típico gaúcho**. Porto Alegre: Lusográfica gráfica e editora, 1989.

_____. **Pilchas do gaúcho**. Vestuário tradicional, arreios e avios de mate. Porto Alegre: Pallotti, 1995.

Notas

¹ Este texto é fruto das reflexões do projeto de pesquisa *O Movimento Tradicionalista Gaúcho e a escola. Perspectivas pedagógicas e educacionais. Uma análise antropológica das (re)configurações de identidades plurais*, CE/UFSM, que desenvolvo desde 2006. A pesquisa é financiada pela FIPE/Enxoval UFSM e conta com a colaboração da bolsista de iniciação científica Priscila Silva Linassi.

² O tradicionalismo é também comum à Argentina e ao Uruguai. São territórios em que historicamente é referida a presença do gaúcho identificado à vida rural, cuja principal atividade econômica consistia no apresamento de gado xucro para a comercialização do couro (OLIVEN, 2006).

³ Chaves (1994, p. 12) traça um roteiro para se entendê-la no Rio Grande do Sul.

⁴ Segundo Oliven (2006, p. 103), a criação do movimento tradicionalista no Uruguai ocorreu com a fundação, em 1894, em Montevidéu, da *Sociedad Criolla*. Na Argentina se relaciona com a literatura nacionalista inaugurada por Sarmiento (1845) com a publicação do romance *Facundo*.

⁵ A apresentação do *check-list* identitário de Thiesse se baseia nas discussões de Löfgrenn (1989, p. 9).

⁶ O termo peão remete ao gaúcho tradicionalista na atualidade, assim designado tendo como referente os trabalhadores rurais dos latifúndios – peões de estância.

⁷ Cabe salientar que uma pilcha feminina completa (vestido, saia de armação, sapatilha e bombachinha) custa em torno de R\$300,00, ao passo que a masculina fica em torno de R\$428,00. Dados obtidos na loja Sete Povos Tchê em São Borja- RS, no dia 26/05/2008.

⁸ O termo remete a uma canção folclórica gaúcha já conhecida pelos pioneiros do tradicionalismo e na qual provavelmente se basearam para passar a designar as mulheres como prendas.

“Vestida de prenda”: sobre as significações da pedagogia tradicionalista das pilchas

⁹ Há ainda um concurso anual nacional de prendas promovido pela Confederação Brasileira das Tradições Gaúchas (CBTG), entidade que reúne os MTGs de diversos Estados brasileiros. Porém, as prendas estaduais do Rio Grande do Sul, bem como os demais vencedores de concursos artísticos e campeiros não podem participar, por proibição legal estabelecida pelo MTG do RS. O sentido desta normativa parece ser a de que os campeões tradicionalistas do Rio Grande do Sul são *HORS - CONCOURS* em termos de tradição.

¹⁰ As normas para os concursos estaduais de prenda e peão fazem parte da Legislação Tradicionalista de 2001.

¹¹ Pago, o mesmo que querência. É o lugar em que se nasceu (NUNES, 1993, p. 340).

¹² A regulamentação da indumentária tradicionalista atual está formulada nas diretrizes sobre a pilcha gaúcha da Coletânea de Legislação Tradicionalista de 2001.

¹³ Sarandeio é o movimento executado em uma dança (NUNES, 1993, p. 447). Nas danças tradicionalistas é o movimento que as prendas efetuam com as saias dos vestidos levemente levantadas. O objetivo é apresentar-se aos seus pares masculinos durante a dança.

¹⁴ A comunidade de sentimento corresponde à definição de nação de Weber (1971).

Correspondência

Ceres Karam Brum - Rua Benjamin Constant, 1311 - Apt. 402 - CEP: 97050-023 - Dores - Santa Maria.

E-mail: cereskb@terra.com.br

Recebido em 8 de novembro de 2008

Aprovado em 13 de fevereiro de 2009